DISCURSO

em acção de graças pela visita de SS. MM. II. á capital da provincia de Minas, pronunciado pelo padre Honorio Benedicto Ottoni, deputado á Assemblea Legislativa provincial e vigario de Carandahy, aos 31 de Março de 1881.

SENHOR ! SENHORA !—

Antes de ter a subida honra de proferir uma só palavra— ao Deos que tamanho favor nos concede hoje—, um voto de louvor.

Causa das causas! Ente necessario! Deos creador do universo, que do infinito de vossa bondade tendes feito brotar, por tantas vezes e por differentes maneiras, o balsamo dulcificador das chagas oriundas dos espinhos desta vida humana, sêde para sempre bemdito!

Ainda hoje, de mão misericordiosissima fazeis jorrar sobre nossas cabeças benefic os e venturas sem nome.

Sêde para sempre louvado! —*Laudate Dominum de celi, laudate eum in excelsis.*

Patria querida, Minas, cujas paginas douradas e refulgentes adornão o grande livro da historia patria, folgai, exultai, como outr'ora os filhos da vetusta Sião *in rege suo.*

O nosso Chefe, o nosso Augusto Monarcha, o Sr. D. Pedro II, Aquelle que, ainda creança, aprouve á Divina Providencia confiar ao amor e aos cuidados das mães brasileiras, e em cujas mãos tão sabiamente depositara os

destinos d'este vastissimo Imperio; hoje, com sua Virtuosissima Esposa, a nossa venerada e querida Imperatriz, a Sra. D. Thereza Maria Christina, arrostando os sacrificios de penosa viagem, vem pousar no solo Ouro-pretano.

O nosso jubilo, pois, é puro, santo e justo, nascenos do fundo d'alma, obedece aos impulsos de nosso coração e tem por origem um duplo principio: o dever e a gratidão.

Irmãos meos, quanto é bello e memoravel o dia de festa, cuja aurora amena e deslumbrante tem por occaso um horisonte bordado de suaves matizes, e douradas orlas sem que um só ponto negro se abalance a desfigurar a belleza da natureza.

Quanto é doce ao pobre mortal ante um painel d'estes, pelas mãos do Omnipotente, traçado, poder, maravilhado como outr'ora o naturalista Linneo, levar suas mãos a fronte e exclamar: Oh! Deus! Eu vejo a tua sombra passar diante de mim !

E' doce e pura e santa a festa, em que o calix da alegria, roçando de labio em labio, se esvasia puro e crystalino, sem que uma lagrima alheia lhe corra dentro as fézes do amargor !

Festejos ha em que celebra-se o triumpho de novos pendões levantados por entre as acclamações da victoria, mas em que se ostentão tintos no sangue, vertido de corações que palpitavão á sombra de outros pendões, que afinal, derrotados, sumirão-se no pó dos combates.

Hoje, porem não é assim.

Todos os filhos da santa igreja, todos os convivas do banquete catholico, todos os mineiros que me ouvem, registrão na memoria este dia de magnificencia, em que a primeira visita de seus Augustos e queridos Soberanos, formará uma epocha de gloria e de saudades, cujo echo eloquente e retumbante, é propheta do progresso e engrandecimento da terra, que nos vio nascer.

Senhor ! Senhora !

No silencio da obscuridade em que até aqui tenho vivido, pregando nos campos, aos pequenos,—o Evangelho —, essa doutrina celeste, que legara á terra o Redemptor da humanidade—, foi-me conferida pelo presidente da

provincia a subida honra da sublime, missão, que agora, calcando aos pés a mesquinhez de minha pobre intelligencia e o nada de meus conhecimentos, venho, confiado em Deus e no perdão, que as almas nobres dispensão a todos, procurar desempenhar.

Humilde interprete dos nobres sentimentos do povo mineiro, que jubiloso apinha as praças, percorre as ruas, circumda a VV. MM. II., e que não podendo caber no recinto deste sanctuario, contenta-se mesmo no grande templo, que tem por cupola a abobada celeste de levantar suas vozes; o que poderei fazer senão apresentando sua dedicação, enthusiasmo e gratidão ao Augusto throno de VV. MM.—offerecer a esse mesmo povo algumas considerações provando-lhe a justiça dessa dedicação, desse enthusiasmo e gratidão?

Quantas vezes os oradores sagrados já o não tem feito, e de modo tão sublime?

Não possuo, Senhor, a eloquencia dos Plinios, nem dos Pacatos, que nos deixaram modelos. Alem disso Terencio, já dizia ha seculos:—*Nullum jam dictum quod dictum non sit prius*—; já nada se diz que não tenha sido dito antes. Horacio já escrevia em Roma: « Não é mais possivel encontrar-se uma idea perfeitamente nova. »

Com tudo, Senhor, diz Séneca: *Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt*—; muito fizeram os que existirão antes de nós, mas não completarão. E mais perto de nós, diz o padre Vieira: « Si os antigos beberão nas fontes, nem por isso as esgotarão.

Os oradores, sagrados que diante de VV. MM. têm tido a distincta honra de fallar, tomaram por fontes, onde beberam jorros de eloquencia, a nobreza, a grandeza d'alma e a illustração d'espirito, que tanto caracterisão as Augustas Pessoas de VV. MM. II. Tomaram por fontes os actos humanitarios e heroicos, a justiça, e o sabio governo com que o espirito claro e recto de V. M. tem estampado com caracteres indeleveis na historia das nações, a felicidade de seus subditos, e o exemplo para aquelles que, como V. M. têm em suas mãos os destinos de um povo.

Essas fontes não se esgotaram, não seccaram-se; ao contrario, com intima satisfação de minha alma, em qua-

lidade de brasileiro e amigo de meu paiz, com o maior esforço de minha voz o digo: Essas fontes são hoje mais abundantes, suas torrentes mais caudalosas, e os beneficios por ellas derramados, immensos, sendo todo o resultado em bem da Patria querida.

Senhor! Senhora!

Como vós sabeis, em bonança e em suas rêdes de sipós balouçavão-se os gentios nesta terra abençoada, á sombra de frondosos carvalhos, ao som das cachoeiras de seus soberbos rios.

Desprezando, porem, os homens a luz das estrellas, que em tempos remotos erão pharoes, que os conduzião de um ponto a outro sobre a immensidade das aguas, collocarão em seu fragil baixel a agulha, que suppunhão apontar a India, mas que o dedo da Providencia, rodando-a em seu eixo, a fizera apontar a terra, onde, erguida a Cruz, que outr'ora fôra symbolisada pela serpente de bronze, esses mesmos gentios, como que espavoridos e deslumbrados, attrahidos por um imau particular, isto é pelo amor d'Aquelle que só viera a terra para salvar a humanidade, cahirão todos, e, prostrados, adorarão juntos esse pendão, que, levantado no meio das selvas. dera o nome ao vasto e florescente Imperio de Santa Cruz.

Aos golpes do machado brandido pelo braço estrangeiro cedião os cedros gigantes, que em horrorosos trovões fazião tremer a terra, quando perdendo o seu imperio de lastro lhe cahião em face. De suas raizes por assim dizer, flocos de luz ofluscavão o arrojo dos atrevidos incognitos. O ouro, o brilhante, as pedras preciosas forão pregões de grandeza e maravilha e outros tantos desafios á ambição dos Europeus.

Por tal forma levados, nós sabemos que não poucas vezes forão nossos mares banhados pelo sangue dos aventureiros, que arrojados procuravão destruir ou dividir a terra que segundo um espirito illustrado, aguardava-se sob o manto da Providencia para ser o florescente Imperio de Santa Cruz—hoje Brasil.

O foi; é, e Deus permittirá que o seja sempre, pois as divisões e subdivisões nunca derão em resultado outra cousa mais, do que a fraqueza, a extincção mesmo de nações po-

derosissimas. Que o atteste as sombras de Carthago e Corintho, e tantos annos depois, da Polonia e da Hungria.

Correndo, Senhor, um véo sobre todos os lances heroicos de nossa historia patria, historia dessas epochas tambem de sangue e de gemer constante voemos aos dias gloriosos, que se passão diante de nós, e por elles comprehendamos o marchar dos povos, e saibamos agradecer á mão, que nos beneficia.

Christãos, que o nosso paiz tem marchado á passos de gigante não ha negal-o.

Que nós de tranquillidade, segurança e paz gozamos, é força confessal-o.

D'onde parte porêm essa ventura por todos os povos do mundo almejada, e nunca assaz aspirada?

Vós deduzireis da curta narração do meu pobre discurso.

Christãos, a ventura dos povos é a moralidade, e a moralidade é a religião.

Lembremo-nos de que Roma foi mais feliz no seu principio peia dedicação simnltanea de seus filhos, do que erguida ao cume da grandeza nos fastos de um imperio dissoluto; a Grecia sorrio de ventura pelas maximas moraes de um Solon, e arrastou crépes luctuosos nos festejos orgulhosos de Felippe e de Alexandre.

Passando por sobre tantas outras nações que tem tido a mesma sorte lembremo-nos de que se nós florescemos é no seio da religião, dessa nova Phenix que renasce sempre das cinsas, porem mais viva e mais brilhante; e essa religião é o christianismo, e o christianismo é o genio do amor e da dedicação, preso pelas mãos de Deus á consciencia do homem. O christianismo é a igualdade entre todos os homens, fazendo do mundo um patrimonio que á todos lhes compete gozar. o christianismo é a aspiração constante da virtude que eleva o homem nos transes da agonia, á mais alta dignidade sem orgulho, e offerece no apogêo da gloria, a maior humildade sem baixeza; o christianismo é a luz do mundo, a moral e a consciencia. Pois bem; essa religião tão pura e santa filtrada em nossos corações pelos sagrados labios de nossa mãe, é defendida e garantida em nossa patria, pelo nosso Augusto Soberano, que só aspira a paz das familias, a segurança e tranquillidade publica, e a felicidade do paiz.

Christãos, ha no fundo do coração do homem um principio arraigado pelas mãos do proprio Deos, um consuante anhelar da liberdade, alvo indestructivel da consciencia. E é pura e santa a liberdade porque Deos a plantou no co-

ração do homem, e em tanto o avalia a humanidade que por ella tudo feliz sacrificara.

Que pela liberdade se tem batido contendores corpo á corpo em certame singular, se tem batido face á face nações contra nações, se tem ensopado de sangue os sectarios dos scismas e das seitas, destruido imperios contra imperios, tem emfim luctado o mundo, e sacrificado os seus filhos pela liberdade.

Agora vos pergunto eu: qual o paiz do mundo, christãos, onde alguem goza de mais liberdade do que o brazileiro de fronte erguida a respirar o ar puro, e ameno das montanhas do seu paiz? Para gozar-se porem d'essa ventura é mister que ella seja sustentada em equilibrio, perdido o qual desmoronado seria todo o edificio social.

Ha no Brazil um rochedo gigante, contra o qual se quebrão as mais encapelladas vagas das paixões que tentão desfigural-a e arrancal-a de nós. Esse rochedo é o nosso Augusto Monarcha, cuja visita tanto almejavamos, e que o vemos felizmente entre o povo, accessivel a todos, e por esses caminhos, parecendo despir-se dos distinctivos da realeza, confundindo-se com todas as condições sociaes, assim como na extensão do globo são Josaphat e o Tibet confundidos em seu livel.

Christãos, o nosso Augusto Monarcha, sectario e defensor das principaes bases da sociedade comprovando-o até pela educação eminentemente catholica de toda sua Augusta Familia e pelas sabias leis que nos tem sido outorgadas em seu fecundo e glorioso reinado, pode em sua propria consciencia reconhecer quanto são justas e merecidas as ovações e homenagens, que de modo tão singelo, mas sincero, lhe são offerecidas.

Christãos, o imperio da sciencia dominou em todos os tempos, e dominará sempre. E' pela sciencia que vive o progresso, é por ella que hoje parecemos rasgar o véo, que encobre o futuro, mirando-o, por assim dizer, no immenso espelho do passado.

Nem estranheis que eu diga que no espelho do passado se lê o futuro; não, esse futuro depende de nós, como a deducção deriva de seus principios.

E' pela sciencia que os feitos immorredouros dos heroes da terra, zombando do tempo, esse venneno, que desgasta-nos a vida, ainda hoje enchem de emulação a essa mocidade intelligente, que intrepida avança na senda do progresso.

Não é o ferro, nem a pedra, monumentos mudos e sem vida, que no silencio da noute, n'essas horas de vigilias, nos exproba a indolencia e impelle para o trabalho; não, esse echo atroador, que nos desperta e maravilha, parte das paginas luminosas dos livros, nasce das Illiadas, das Eneidas, dos Lusiadas e de tantos outros trabalhos scientificos, que immortalisão o homem.

Pois bem: todos sabem que o verdadeiro protector das sciencias em nossa terra, tem sido sempre o nosso Augusto Soberano.

Volvamos nossas vistas ao torrão que nos vio nascer. Que responda a nossa provincia, que o atteste a escola de Minas, uma das gloriosas instituições de nossos dias, qual o braço vigoroso e protector, que a tem erguido á altura da admiração de todos, e cujos beneficios resaltão, como a luz do meio dia.

Christãos, não cabendo em um curto discurso a narração da protecção e cuidados do nosso Augusto Monarcha para com todos os estabelecimentos de sciencias e artes em nosso paiz; onde o poder do tempo tem mais aperfeiçoado as sciencias, como nas universidades da velha Europa, ahi alguns filhos do Brasil sob a immediata protecção do seu Soberano, tem correspondido seus desejos, que todos são a gloria e a felicidade do paiz.

Quem não sabe de quantas vezes nas principaes cidades da Europa, um povo em massa se tem extasiado ao ouvir a melodiosa harpa do novo Belini; quando pinta nas Ave marias do seu Guarany, a indole musical dos filhos do Brasil?

Todas estas glorias, com justiça cabem ao protector dos pobres, no meio dos quaes, como flores perdidas no deserto refulgem transcendentaes intelligencias.

Senhor!

Nós sabemos que não tem sido estereis vossas viagens por tantos paizes estrangeiros. Quando os jornaes publica-

vão a magnificencia de vossas visitas, ás universidades e aos estabelecimentos das sciencias, tambem maravilhados levavão sua gratidão á imprensa aquelles que tão nobremente hasteião a bandeira em cuja tela são gravados os nomes de Raphael e de Belini, do Talma e do Garret.

——

Vós tendes, Senhor, visitado os mais famosos sabios de nosso seculo e com elles travado longas conversações.

O espirito perscrutador e bem intencionado não descobre em todos esses actos senão as aspirações de Vossa M. I. em bem do seu povo.

——

Senhor!

Nesta terra das mais ricas montanhas, das mais espessas florestas, soberbos rios, e encantadoras campinas, onde primeiro fora hasteado o pendão da fraternidade, não podia absolutamente o espirito christão e elevado de V. M., suffocar por mais tempo, os brados gigantes de seu magnanimo coração, censentindo que a escravidão, esse monstro horrendo, inventado pelo inferno para o ludibrio da humanidade, profundasse tão perniciosas raizes, roubando o succo dessa mesma terra destinado por Deus á seiva da arvore da vida, que regada pelo braço vigoroso de V. M. tem produzido tão abundantes e sasonados fructos.

Sim, Senhor!

Em nossa patria Deus louvado, não nasce mais um só escravo.

Esse pantano, que enche de miasma a athemosphera que respiramos—se atterra de dia para dia, e servirá de plano á columna, onde a posteridade gravará com lettras de ouro as muitas glorias do fecundo reinado de V. M.

A' par de tantos beneficios de que já goza a grande familia brasileira, o espirito elevado e nobre de V. M., ha collocado outros de tanta importancia, que não podem escapar á nossa admiração e gratidão.

Vós tendes, Senhor, estendido o manto de vossa beneficiencia até sobre esses membros infelizes da sociedade, que surdos á voz da natureza, parecem confirmar a doutrina do philosopho, que diz ser o homem o lobo do homem; sobre esses individuos que esquecidos dos mais sagrados deveres do cidadão, atirão-se na carreira dos vicios, revolvendo-se no asqueroso lodaçal do crime: Sim vós tendes, de conformidade com os nobres sentimentos dos mais sabios juriscon-

sultos, e acudindo ao apello de vosso magnanimo coração, demonstrado aos homens e ao mundo que o fim da pena é corrigir e moralisar o delinquente, fazendo parar por tantas vezes diante desses infelizes o espectro medonho da morte, prestes á descarregar-lhes o seu desapiedado golpe.

Senhor, em nome do ceu, o povo que tão sabia, e caridosamente governaes, vos bem dirá sempre.

Ultimamente quando vos pareceo que grande parte da sociedade brasileira aspirava uma nova lei, que lhe abrisse um caminho mais seguro de levar seus representantes ás camaras, dignastes corresponder essa aspiração, collocando-a no terreno franco das discussões, donde pudesse nascer a luz.

——

Senhor ! Senhora !

Disse outr'ora um orador sagrado—Patria e Deus—são dous élos magnificos, que nos prendem o coração e a intelligencia á terra e ao ceo.

De facto, quem pode esquecer-se d'essa doutrina pura e santa filtrada em nossos corações nos candidos dias da innocencia, pelos labios maternos, e que deve um dia robustecida subir da patria para o ceo ?

Quem não se recorda cheio de saudades do berço em que nasceo? Do templo em que primeiro lhe ensinarão á por as mãos e a rezar ao Deus de seus paes, do campo em que festivo brincou acalentado pelas vozes suaves de uma mãi?

Sim Senhor; a nossa religião duas vezes sagrada, porque é divina, e porque nos é ensinada por nossa mãi; e nossa patria, cujo amor forma uma segunda religião da terra, ambas encontrarão sempre em V. V. M. M. I. I. dous defensores e dous protectores.

Nossas ovações, pois, nossas homenagens e demonstrações de gratidão, estão muito aquem de nossos desejos, e muito aquem das esperanças de meus patricios e irmãos, o humilde orador esmagado sob o peso de tão elevado assumpto.

Senhor ! Senhora !

São immensos os beneficios trazidos á nossa provincia pela visita de V. V. M. M. I. I.

Encerrados nesta cadea de montanhas, vemos com alegria que se nos abrem as portas, e o fio electrico acom-

panhando os passos de V .V. M. M. nos une á capital do Imperio.

N'estes felizes dias, somos testemunhas da inauguração do asylo agricola de escolas praticas, unico talvez d'este genero na vasta extensão do imperio.

Muitas cartas de liberdade, dentro e fora da capital são entregues a V. M. M. para gozarem d'essa ventura, esses pobres infelizes que vos bem dirão sempre.

Minas, Senhor, cujas montanhas auriferas tem assombrado o mundo, cujos brilhantes tem adornado diademas e mantos de Imperadores e de reis, muito vos agradece e muito espera de vós.

O seu norte, onde a natureza ostenta o seu poder na magestade das aguas de um S. Francisco, nas medonhas cachoeiras de um Jequitinhonha, no rapido correr de um Mucury e na escuridão de suas florestas, espera de vós um meio de transportar os seus productos, e todos os beneficios que nunca faltarão ao poder e á força de vontade do seu Augusto e Illustrado Monarcha o Sr. D. Pedro II.

Senhor, a historia, esse grande testamento da humanidade, no dizer de Bossuet, essa corrente, que nos prende do tempo á eternidade, nos ensina a homenagem que é devida á verdadeira mulher.

Entre nós, o povo, ensina a philosophia, que os filhos são um verdadeiro reflexo de suas mãis e aponta-nos, como prova o sarcasmo de um Voltaire, a ambição de um Napoleão, a religiosidade de um Chateaubriand, a melifluidade de um Lamartine e as qualidades de tantos outros.

Sob as inspirações emanadas directamente da mulher, mostra-nos a historia o Camões, o Dante, o Tasso e tantos outros.

Correndo, porem, Senhor, um vêo sobre todo o poder e influencia da mulher do povo, eu, para fallar á respeito da nossa venerada, virtuosissima e querida Imperatriz, D. Theresa Christina Maria, vejo passar diante de mim essa cadea de actos generosos, e humanitarios ungidos de caridade, que com tanta graça compoem os florões da corôa que tão merecidamente lhe cinge a delicada fronte.

Releio nesse tecido de virtudes, que são seus gloriosos

dias, as luminosas paginas da mulher catholica, tão brilhantemente descripta por Ventura.

Senhora! a graça que outr'ora concedera tanta abnegação e virtudes a essas heroinas do Christianismo, é a mesma que ainda hoje concede dons celestes á venerada e querida Imperatriz do Brazil.

Eu temo, Senhora! com minhas toscas palavras profanar a sublimidade de vossas virtudes.

Fallem por mim neste momento solemne essas lagrimas estancadas, essas afflicções dissipadas, esse pranto convertido em riso, esse desespero transformado em esperança, esses punhaes cahidos das mãos daquelles que já não querião soffrer mais.

Sim, Senhora, vós tendes um verdadeiro coração de mãe; vós sois uma verdadeira mãe dos brasileiros, e o paiz inteiro reconhece quanto vossa bondade e caridade tem influido nos actos da Imperial Clemencia do Vosso Augusto e Dignissimo Esposo, o nosso Soberano.

Senhora, nessas vistas estão sempre fixas em Vôs e Deus que não é surdo ás vozes de um povo agradecido, vos abençoará sempre e a toda Vossa Augusta Familia para satisfação vossa e felicidade nossa.

Senhor! Senhora!

Eu vos peço que corraes o veo de vossa benevolencia sobre todas as toscas palavras do humilde orador, a quem tanto sobrarão desejos, como faltarão forças.

Supprão neste momento solemne a eloquencia, de que sou destituido, as nossas flores dos campos, que festivas adornão os nossos arcos triumphaes; as palmeiras que nas ruas desta cidade fazem o brinco da brisa a folhear-lhe os leques donde emanão effluvios de poesia.

Fallem por mim neste momento, essas vozes de um povo que percorre as ruas em estrepitosos vivas; essa luz brilhante, que parte desses olhos, outros tantos espelhos d'alma.

Christãos! em um só pensamento, nossos corações ao ceo, e nossos louvores a Deos.

Te-Deum Laudamus: te Dominum confitemur.

OURO PRETO.—Typ. da « Actualidade »—1881.